

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TAINÁ TÁVORA ALFONSIN BUCHAIN

O OLHAR ETNOPEDAGÓGICO SOBRE UMA ESCOLA
DIFERENCIADA DENTRO DA TERRA INDÍGENA MBYÁ
GUARANI: TEKOÁ JATA'ITY, VIAMÃO/RS

PORTO ALEGRE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TAINÁ TÁVORA ALFONSIN BUCHAIN

O OLHAR ETNOPEDAGÓGICO SOBRE UMA ESCOLA
DIFERENCIADA DENTRO DA TERRA INDÍGENA MBYÁ
GUARANI: TEKOÁ JATA'ITY, VIAMÃO/RS

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de graduação do curso de Ciências Sociais da Universidade federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadores: José Otávio de Souza Catafesto

Leandro Raizer

PORTO ALEGRE

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família pelo incentivo aos estudos, meus pais professores que sempre me ensinaram - mesmo com as dificuldades da profissão - a valorizar os estudos e a lutar por uma vaga na universidade pública. Me vejo neles hoje, continuando o legado de levar à frente esse papel de educadora.

Aos colegas da faculdade, que sempre me apoiaram e muitas vezes não me deixaram esmorecer, por pegarem na minha mão e me mostrarem que a vivência é mais do que o conteúdo, e nas saídas de campo, nas conversas na mesa de bar e até mesmo nos festivais da vida, tudo é aprendido, e este ou aquele conteúdo que ficou “mal digerido” pode ser traduzido de forma mais suave nas nossas conversas.

Ao professor Catafesto, que me mostrou uma outra forma de enxergar e desmistificou a figura de professor que sabe tudo e do a-luno, ser sem luz. Este professor sempre valorizou as nossas vivências e as levou em consideração em suas aulas e avaliações. Sempre que pude, desde o início da graduação até o final, escolhi disciplinas com ele, pois pra mim, ele foi um verdadeiro mestre. “Quando o discípulo está pronto o Mestre aparece” - Provérbio chinês.

Aos meus amigos Mbyá Guarani, pois mediante essa aproximação pude chegar até a escola *Karái Arandu* e vivenciar o período de estágio obrigatório II, além de uma maior aproximação de sua cultura e vários momentos de trocas.

À minha filha Shanti, que veio pra me trazer Paz e serenidade de espírito para completar essa missão, na certeza que, ao completá-la, passarei para a próxima fase do desafio que é a docência.

E por fim, ao Universo, por me trazer tantas coisas boas e providências e mostrar que o caminho sempre se abre para o caminhante.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Ciências Sociais é o relato da experiência de estágio em uma escola indígena na aldeia *Tekoá Jata'ity*, na comunidade do Cantagalo, município de Viamão/RS, inserido na pedagogia diferenciada, que garante aos indígenas o direito a uma educação que respeite a recuperação de suas memórias, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização das línguas e ciências, bem como a garantia ao acesso à informação, aos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não indígenas. Tem como objetivos observar como esta política é aplicada dentro da escola e a efetividade na execução das leis. O estudo é feito a partir da vivência do estágio dentro da *Tekoá* na escola, bem como das trocas com professores e coordenadores da escola e toda a comunidade Mbyá Guarani que, desde a mais tenra idade até a mais avançada, se fazem presentes e apropriados daquele espaço: *Nhemboé* (A escola). Os resultados colhidos durante essa pequena temporada mostram que a escola tem um funcionamento dentro dos parâmetros exigidos pelo estado e ao mesmo tempo tem um modo de funcionamento próprio aos Mbyá Guarani, de acordo com o "*Mbyáreko*" (modo de ser Guarani), no qual a temporalidade e a cosmologia estão muito presentes. Observou-se que, por serem zelosos pela preservação de sua cultura, durante muito tempo foram contrários às escolas nas aldeias; porém, hoje é crescente essa demanda, como forma de compreender o mundo dos brancos e criar uma maior interação com a sociedade não indígena.

Palavras-chave: Mbyá Guarani, Escola Indígena, Educação diferenciada.

ABSTRACT

This final work of the Social Sciences Degree is a report of the practical experience in an indigenous school in the *Tekoá Jata'ity* community, Cantagalo, Viamão, Rio Grande do Sul state, Brazil. It was developed within the differentiated pedagogy, which guarantees the indigenous people the right to an education respecting the recovery of their memories, the reinforcement of their ethnic identity and the valorization of languages and sciences, as well as the access to the information, technical and scientific knowledge of the national, and other indigenous and non-indigenous peoples' societies. Its objectives were observing the implementation of this policy within the school and the effectiveness of law enforcement. The study was based on the experience within the *Tekoá* school during the practice, as well as the exchanges among teachers and school coordinators and the entire Mbyá Guarani community, which from toddlers to elder people are present, and appropriate in that space: *Nhemboé* (the School). The findings of this short experience show that the school runs within the state's requirements and, at the same time, has its own operation mode, the one of the Mbyá Guarani, according to the "*Mbyárekó*" (Guarani mode), where temporality and cosmology are very present. Because they are careful about the preservation of their culture, they have been against schools in the villages for a long time, but nowadays, this demand is growing, as a way of understanding the world of white people and creating greater interaction with the non-indigenous society.

Keywords: Mbyá Guarani; Indigenous school; Differentiated pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da Terra Indígena do Cantagalo	14
Figura 2 - Mapa elaborado pela comunidade em parceria com o CTI (Centro de Trabalhos Indigenistas), no ano de 2017, o Plano de Gestão Territorial e Ambiental Terra Indígena do Cantagalo.	15
Figura 3 - “Caminhada entre as aldeias” - registro da terceira aula do Estágio	23
Figura 4 - Apresentação do Relatório Antropológico, Histórico e Arqueológico Circunstanciado no Assentamento Yjerê de famílias da etnia Indígena Mbyá Guarani na Ponta do Arado, no bairro Belém Novo, em Porto Alegre	25
Figura 5 - “Aula Interdisciplinar” - Registro do Ensaio para Projeto Sarau	27
Figura 6 - Desenho Realizado pelos alunos da Escola Karai Arandu	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	APRESENTANDO OS MBYÁ GUARANI.....	9
3	APRESENTAÇÃO	11
4	A ESCOLA DENTRO DA ALDEIA.....	13
4.1	A terra indígena.....	14
5	ADENTRANDO A ESCOLA INDÍGENA	19
5.1	O estágio	19
5.2	Planejamento das aulas	20
5.3	Encontros após o estágio.....	24
5.4	Projeto Sarau.....	25
5.5	Aula interdisciplinar.....	26
6	A ALDEIA DENTRO DA ESCOLA.....	28
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais apresenta o relato da experiência de estágio em uma escola diferenciada dentro das terras indígenas do Cantagalo, na escola *Karai Arandu*. O trabalho está dividido em três partes, que explicam o funcionamento de uma escola diferenciada indígena e também trazem elementos da cultura Mbyá Guarani e relatos da experiência vivida neste ensaio.

Na primeira parte, “A escola dentro da Aldeia”, o texto traz as questões de legislação, do Estado, das normas e das especificidades. Já em “Adentrando a escola indígena” apresenta-se o método utilizado para esta análise. Em “A aldeia dentro da escola”, o texto trata das adequações que existem em função de ser uma educação diferenciada.

Conclui-se o trabalho com uma análise que contrasta as aproximações entre a educação diferenciada, apresentando as dificuldades do que se propõe em teoria e o que se pôde fazer na prática durante este estágio.

2 APRESENTANDO OS MBYÁ GUARANI

Os Mbyá Guarani fazem parte de uma grande nação de povos originários que habitam a região meridional da América do Sul, e resistem neste nosso imenso Brasil, um país riquíssimo em biodiversidade, tão ameaçado pelo sistema capitalista, sempre resistindo quando se trata de território indígena.

O entendimento dos Mbyá Guarani em relação à Terra, os animais e ao meio ambiente deveria ser difundido a toda sociedade; quem sabe assim poderíamos aproveitar melhor os encantos que a nossa Terra traz...

Reconhecem-se coletivamente como *Nandeva ekuéry* (“todos os que somos nós”). Apesar dos diversos tipos de pressões e interferências que os Guarani vêm sofrendo no decorrer de séculos e da grande dispersão de suas aldeias, os Mbyá se reconhecem plenamente enquanto grupo diferenciado. Dessa forma, apesar da ocorrência de casamentos entre os subgrupos Guarani, os Mbyá mantêm uma unidade religiosa e linguística bem determinada, que lhes permite reconhecer seus iguais mesmo vivendo em aldeias separadas por grandes distâncias geográficas e envolvidos por distintas sociedades nacionais (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2020, s. p.).

Vale ainda dizer que:

Além do motivo comum- a busca da terra sem mal (*yvy marãey*), da terra perfeita (*yvyju miri*), o paraíso, onde para se chegar é preciso atravessar a grande água, o modo como os grupos familiares traçam sua história através das caminhadas, recriando e recuperando sua tradição num “novo” lugar, faz que sejam portadores de uma experiência de vida e de sobrevivência também em comuns. Devido às migrações e à mobilidade entre as aldeias, os Mbya vivem em contínuo processo de reorganização social. E sob o determinador da busca de localização num espaço que facilite o acesso à *yvyju miri*, dão forma e estrutura à sua movimentação. Desse modo, e sob a observância severa de regras, esses índios conseguem, tão criativamente, torná-las maleáveis o suficiente para que, sem transgredi-las possam se reproduzir cumprindo seu projeto”. (LADEIRA, 1989, p. 56)

Como eles mesmos dizem, sua relação com a natureza é de respeito, e quando se fala em natureza, o homem também é um ser da natureza. Então, podemos perceber que sob essa lógica, eles encaram a vida de uma maneira totalmente diferente da nossa. Os que se dizem civilizados, infelizmente, em nome de um estilo de vida que foi incorporado ao longo dos séculos, estão destruindo os espaços naturais do nosso planeta e também estão destruindo o que há de natural em nós, roubando nossas almas.

É preciso urgentemente aprender com os verdadeiros guardiões da terra, formar parcerias, recriar formas de relacionar-se com o ambiente, respeitar os ensinamentos

milenares que bravamente foram mantidos pelos nossos Originários (Coletivos ameríndios).

Os Mbyá Guarani tratam o mato (*ka'águy*) como um povo. O *avati* não é só a semente de milho, assim como também não o são a erva-mate e o mel, elas são mais do que isso pra nós. O milho foi criado por *Nhanderu* e é importante para todos porque o *Karai* usa semente de *avati hete'i* na *Opy*, nas cerimônias de dar o nome às crianças, quando todos pensam sobre o futuro. Por que a natureza traz o nome das crianças, nós a respeitamos. Quando vamos tirar uma casca de uma árvore nós conversamos com ela e pedimos permissão. (CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA, 2017).

3 APRESENTAÇÃO

O estágio ocorreu no segundo semestre do ano de 2019, como pré-requisito para a graduação no curso de Licenciatura em Ciências Sociais. A proposta foi fazer uma breve introdução sobre a sociologia e como ela se instituiu como uma disciplina, os autores e sua aplicação prática.

Num segundo momento, apresentei conceitos de antropologia e etnografia, a fim de propor um estudo de caso, um etnomapeamento entre a *Tekoá Jata'ity* e a *Tekoá Ka'aguy Mirim*.

Dentro das terras indígenas do Cantagalo, existem duas aldeias que se dividem entre os municípios de Viamão e Porto Alegre e apresentam as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 30°11'40.95"S e Longitude: 51°1'8.83"O. A parte noroeste está situada no município de Viamão, onde se localiza a *Tekoá Jata'ity* e, na porção sudoeste, pertencente ao município de Porto Alegre, encontra-se a *Tekoá Ka'aguy Mirim*.

A ideia foi utilizarmos elementos que contemplassem o *Mbyáreko* Guarani; dentro desse modo de ser Guarani estão muito presentes a mobilidade e a religiosidade que estão diretamente ligadas. A mobilidade, termo proposto por Garlet (1997) faz parte da cultura Guarani em suas variadas formas, como a visitação entre parentes e a sazonalidade na exploração dos recursos de um ambiente, por exemplo. Isto faz com que estejam sempre em movimento e este movimento está diretamente ligado à religiosidade, pois, por meio dos seus guias espirituais, os *karai* e *kunhakarai*, são conduzidos em sonhos à terra sem males. Não se trata da busca de um além-mundo, mas sim de viver em um mundo do além, onde possam recriar o *mbyáreko*.

Caminhante! Assim pode ser compreendido o povo Guarani até os dias atuais. Entretanto, não lhe cabe a adjetivação “nômade”, pois as migrações que evidenciam uma mobilidade inserem-se numa “totalidade cosmológica” e dão-se nos limites de uma territorialidade, mesmo destruída por séculos de colonização. A privatização da terra impôs aos povos nativos uma fragmentação territorial, além da própria usurpação do bem primeiro desses povos que habitavam e habitam a América (BERGAMASCHI, 2007, p. 110).

Tapejá significa “caminhante em busca da Terra sem mal”; isso define a essência do povo Guarani, que luta até hoje por sua territorialidade, destruída por séculos da colonização que usurpou e destruiu seus territórios e, apesar disso, ainda é um povo doce, gentil e resiliente na ressignificação de seus espaços.

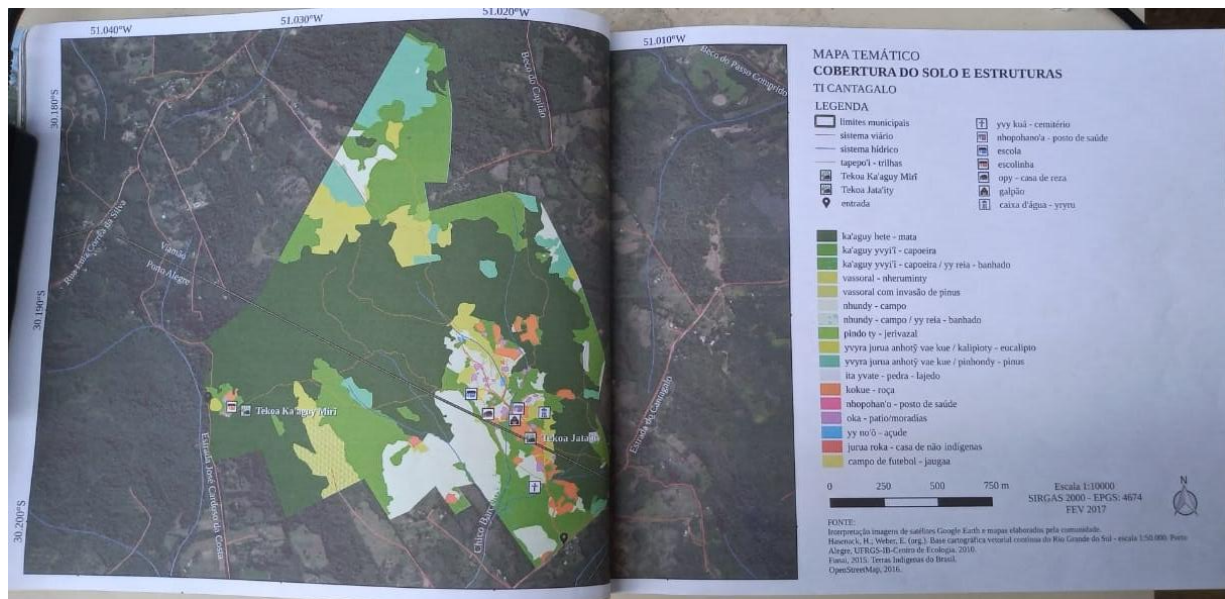
A escolha da caminhada entre as aldeias durante o período do estágio foi justamente baseada nesta característica natural dos Mbyá, e realmente foi uma escolha muito acertada. Desenvolvi a temática baseada em material produzido e elaborado pela comunidade em parceria com o CTI (Centro de Trabalhos Indigenistas), no ano de 2017, o Plano de Gestão Territorial e Ambiental Terra Indígena do Cantagalo.

Por fim, visitamos a Assembleia Legislativa de Porto Alegre a fim de acompanhar uma solenidade da Secretaria de Direitos Humanos em respeito ao laudo antropológico da Ponta do Arado de (José Otávio Catafesto de Souza, Rafael Frizzo e Carmen Guardiola). Depois disso, encerramos as atividades do estágio coincidentemente voltando ao tema inicial sobre a retomada de Terras da Ponta do Arado.

4 A ESCOLA DENTRO DA ALDEIA

A escola *Karai Arandu* fica localizada na zona rural de Viamão, dentro das Terras Indígenas demarcadas do Cantagalo, aldeia Mbyá Guarani *Tekoa Jata'ity*. Esta escola funciona desde o ano de 2002. Inicialmente apenas com ensino fundamental, hoje em dia já oferece também o ensino médio. Esta foi uma reivindicação dos próprios guaranis, por entenderem que a escola é uma ferramenta fundamental para a emancipação, tanto do conhecimento do branco quanto do próprio conhecimento do índio, e que assim melhoraria a relação e aproximaria suas culturas.

Figura 1- Mapa da Terra Indígena do Cantagalo



Fonte: (CENTRO DE TRABALHOS INDIGENISTAS, 2017, p.38,39)

4.1 A terra indígena

As aldeias ficam dentro de uma área de 287 hectares. Na parte de Viamão, onde está localizada a *Tekoa Jata'ity*, existem 55 famílias que trabalham na plantação e com os artesanatos da cultura Guarani. Setenta por cento do território é mata nativa, o restante se divide em moradias e plantações.

Figura 2 - Mapa elaborado pela comunidade em parceria com o CTI (Centro de Trabalhos Indigenistas), no ano de 2017, o Plano de Gestão Territorial e Ambiental Terra Indígena do Cantagalo.



Fonte: (CENTRO DE TRABALHOS INDIGENISTAS, 2017,p.34)

A escola *Karai Arandu* possui um pavilhão de quatro salas de aula, uma cozinha, uma sala adaptada para biblioteca e sala de informática, servindo também de sala de aula. Uma sala destina-se ao setor administrativo, sala dos professores e secretaria. Atualmente, a escola conta com cinco professores guaranis, oito professores não indígenas, uma merendeira e uma servente guarani e 124 estudantes distribuídos no ensino fundamental, ensino fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio, com turmas multisseriadas.

Nos últimos tempos, a comunidade tem se empenhado muito na luta pela autorização e credenciamento da Educação infantil e do ensino médio, para que as crianças e os adolescentes não precisem se deslocar para outros estabelecimentos de ensino.

Segundo o Ministério de Educação, em sua cartilha “As leis e a educação escolar indígena”: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena (BRASIL, 2002, p.5), “na Constituição de 1988, assegurou-se aos índios no Brasil o direito de permanecerem índios, isto é, de permanecerem eles mesmos, com suas línguas, culturas e tradições”. Isto é, deve-se oferecer acesso à educação aos indígenas,

mas respeitando a sua cultura. Assim, a escola contribui para o processo de afirmação étnica e cultural, além de trazer os conteúdos obrigatórios do ensino fundamental e ensino médio.

Leis subsequentes à Constituição que tratam da educação, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Plano Nacional de Educação, têm abordado o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada, pautada pelo uso das línguas indígenas, pela valorização dos conhecimentos e saberes milenares desses povos e pela formação dos próprios índios para atuarem como docentes em suas comunidades. (GRUPPIONI, SECCHI; GUARANI, s.d.)

Dessa forma, a educação na escola *Karai Arandu* é bilíngue (guarani/português), tem um calendário escolar de acordo com as normas da Secretaria de Educação, mas incorpora ao seu calendário práticas que envolvem as demandas da comunidade como, por exemplo, nas épocas de plantio e colheita. Apresenta também uma autonomia da comunidade em relação às decisões escolares.

Outro exemplo da autonomia é em relação ao cardápio escolar anual. Quando a escola recebeu o calendário de 2019, a comunidade toda se reuniu e decidiu que não aceitaria muitos daqueles itens, pedindo, então, sua substituição por alimentos próprios da sua cultura, como a canjica, por exemplo, retirando assim o excesso de açúcar para os estudantes. A merenda conta com a distribuição de hortaliças colhidas por famílias responsáveis por sua distribuição, ou seja, cultivadas dentro da *Tekoá*. Os indígenas entregam à escola milho, aipim, alface, repolho, pimentão, cenoura, beterraba, cebola e tempero verde, entre outros, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Isso mostra a forte influência que a comunidade exerce sobre esta escolarização, a qual vem apresentando uma crescente demanda nos últimos anos, agora com um viés emancipatório e envolvido na cultura, respeitando e valorizando seus hábitos e fortalecendo os costumes.

Comparativamente há algumas décadas atrás, trata-se de uma verdadeira transformação em curso, que tem gerado novas práticas a partir do desenho de uma nova função social para a escola em terras indígenas.

Os guaranis, preocupados em manter a sua tradição e cosmologia, sempre foram contrários à introdução da escola nas aldeias.

Em função de uma história de colonização que os “aperta”, são bastante resistentes à escola e nem todas as aldeias aceitam essa instituição, tema de desacordo

entre os que a querem e os que não a querem. Aliás, essa é uma ambiguidade vivida por todos, pois ao mesmo tempo em que almejam e implementam a escola na aldeia, produzem a situação de um não-querer, traduzida por descontinuidades em seu funcionamento. (BERGAMASCHI; SILVA, 2007)

Com a transformação do jeito de viver guarani e a necessidade de se estabelecer em pequenos territórios demarcados, existe hoje uma demanda pela escola e por novas formas de ser. Os indígenas estão construindo um novo *mbyáreko*, ou seja, um novo jeito de ser que também se apoia no espaço escolar. Dessa forma, eles conseguem, com a institucionalização da escola diferenciada em aldeias indígenas, garantir um direito fundamental: o direito à educação. Além disso, também garantem o direito de comunicar-se de uma forma unilateral, um canal de acesso entre dois mundos totalmente diferentes e ao mesmo tempo iguais, onde a barreira da língua começa a ser quebrada. A escola é um importante instrumento para esta aproximação e envolvimento intercultural, o que enriquece ambas as partes.

A escola traz a oportunidade de criar um canal entre brancos e índios, e por meio de experiências como por exemplo a experiência deste estágio na *Tekoá*, também de conhecer sua cultura e seus costumes e vivenciar um pouco de sua maneira de viver – *Mbyáreko*.

Percebemos aqui o papel fundamental da escola como grande aliada nas demandas referentes as lutas por espaço, reconhecimento e também como mediadora intercultural.

Em nossa cultura, não se aprende com intuito de se mostrar as coisas. Existe um limite do que pode ser apresentado, pois a pessoa aprende na prática com a experiência que tem na casa de reza com o *Karai*. Quando os *Karai* falam, não é só para falar, eles desejam o fortalecimento espiritual, falam com harmonia e com sabedoria. Nós aprendemos seguindo o exemplo dos mais velhos. Se a pessoa aprende as coisas apenas para mostrar a nossa cultura, nunca se sabe se o que é mostrado vai enfraquecer o *Karai*. A pessoa que só fala dela não fortalece sua cultura. O Guarani diferente do *Juruá*, aprende com a prática, e isso tem reflexos na escola (CENTRO DE TRABALHOS INDIGENISTAS, 2017, p. 21).

Neste sentido, podemos pensar que a Escola, enquanto instituição, pode fazer o caminho inverso e dar o espaço necessário para uma educação que respeite as reais necessidades da comunidade. A escola pode intermediar a aldeia e a Secretaria de Educação, levando em consideração principalmente o tempo (a temporalidade Guarani).

Por exemplo, uma das conquistas deles em relação às aulas diferenciadas foi explicar e conseguir o reconhecimento da necessidade das reuniões que eles fazem, isto é uma aula, pois eles estão aprendendo com os mais velhos. Quando levam as crianças para a plantação, isso também é uma aula. A escola existe para fortalecer a cultura e não apenas para transmitir o conhecimento do mundo dos não-indígenas.

5 ADENTRANDO A ESCOLA INDÍGENA

A experiência na *Karai Arandu* foi puro envolvimento. A porta de entrada foi justamente por meio desse “envolvimento”. Antes mesmo e sem intenção de estagiar em uma escola indígena, me envolvi com a luta pela retomada das Terras da Ponta do Arado Velho no Belém Novo, Porto Alegre. A partir daí, cheguei até as Terras indígenas do Cantagalo, aldeia *Jata'ity* em Viamão/RS.

A primeira vez que entrei na aldeia com minha amiga Gelmina Jaxuca Acosta e seus familiares, já senti um imenso encantamento por aquela localidade de um verde exuberante com muitas árvores nativas, roças e casas Guarani, cercada de morros, butiazais e figueiras gigantescas. Fizemos o trajeto do Belém Novo até Viamão no Cantagalo, passando por um belo corredor verde que vai da zona sul de Porto Alegre até Viamão.

Durante a viagem que é um pouco longa soube que minhas passageiras, Gelmina, sua filha de 6 anos e sua irmã, Adriana Kerexu Acosta, são todas estudantes na escola que existe dentro da aldeia.

Neste momento eu entendi que não estava ali por acaso. Perguntei se poderia conhecer a escola e elas prontamente me levaram até a lá, em uma parte alta em frente a um grande campo de futebol. Ali conheci o diretor e a supervisora da escola que foram muito receptivos. A partir disso, tive a abertura para iniciar o estágio no semestre seguinte. E assim foi.

5.1 O estágio

O estágio iniciou com observações nas aulas de Sociologia e de História. Já nas observações percebi um ritmo diferente, uma certa pulsação, uma vivacidade, vontade e valorização daquele espaço quase que como sagrado, pois ali os estudantes Mbyá estão se empoderando, por meio de uma escola bilíngue e diferenciada assegurada pela legislação brasileira. Este é o espaço onde ampliam sua gama de conhecimento, fortalecem a escrita e a fala dos Jirúá (brancos) e passam a ser os protagonistas do processo de ensino.

Também pude perceber que a escola é um espaço onde eles transitam com tranquilidade. Na sala da direção, constantemente tem algum aluno sentado junto, a usar os computadores. Todos os espaços são utilizados, até mesmo a biblioteca e a mesa do refeitório são usadas como salas de aula.

O que impressiona na sua cultura é a gentileza. Para eles não é fácil se comunicarem em português, mas mesmo assim se esforçam e enfrentam esse processo educacional com respeito e dedicação. Durante as aulas, todos prestam bastante atenção e participam nas leituras do material didático bem como com intervenções espontâneas. Normalmente, entre eles, mesmo na língua guarani, falam bastante e de forma bem descontraída. Ao professor cabe o papel de ouvinte e de tentar traduzir aos poucos suas palavras; quando terminam seus comentários, voltam a prestar atenção e o professor naturalmente prossegue a aula.

Todo este processo nas aulas dos professores *Jirúá* faz com que exercitem seu poder cognitivo voltado para a absorção daquele conteúdo trabalhado nas redes de ensino. Falo aqui do ensino médio que é a minha área de atuação.

5.2 Planejamento das aulas

Depois da observação na escola, percebendo o pouco tempo disponível no estágio, me preocupei em ser uma ouvinte e não apenas reproduzir os conceitos de uma formação europeia que sempre impôs os seus conhecimentos aos colonizados, sobrepondo-se à cultura indígena. Assim, desenvolvi um plano de aulas que priorizou a introdução à sociologia, no qual surgiram os principais estudos e sua funcionalidade, e também me envolver nas práticas guaranis, como a caminhada, o pensamento e a cosmovisão guarani.

Na primeira aula, com a duração de dois períodos, falei sobre a minha experiência como estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e questionei aos alunos a respeito de seus conhecimentos prévios sobre sociologia, com a pergunta “O que é sociologia e para que serve?”. Foi surpreendente a noção que todos tinham sobre a questão, principalmente os alunos do 2º e 3º anos (turma multisseriada), que tiveram respostas como, por exemplo “é o estudo da sociedade” e “estudo das relações humanas”.

Fizemos a leitura do livro didático de Sociologia (Sociologia Hoje), pois nas observações percebi que o professor titular o usava muito e os alunos se sentiam bem, pois assim estavam exercitando a fala e a leitura em língua portuguesa.

Durante a aula, a supervisora bateu à porta e pediu licença para que as lideranças dessem um recado à turma. Eles entraram e começaram a falar com os estudantes na sua língua materna e como não entendi o que eles estavam falando comecei a ficar nervosa por achar que havia feito algo errado e que as lideranças estavam falando para os alunos sobre isto. Eles encerraram a fala, agradeceram e saíram. Eu fiquei um pouco desconcertada mas segui com a aula. No final, perguntei ao professor de Sociologia que estava acompanhando minha aula, do que se tratava aquela intervenção. Ele então esclareceu que as lideranças haviam vindo para chamar a atenção para que os alunos ficassem atentos aos conteúdos e realizassem as atividades, zelosos para que os alunos aproveitassem ao máximo aquele momento. Isto me fez entender um pouco mais sobre sua gentileza e generosidade.

Na segunda aula, apresentei as três áreas das Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia e Política. Conversei com os alunos sobre o plano de gestão e diagnóstico ambiental já realizado na escola e fiz a proposta de fazermos um ensaio de um diagnóstico ambiental, utilizando as ferramentas do antropólogo: observação participante e uma caminhada pelas aldeias. Assistimos vídeos no canal Youtube sobre diagnóstico ambiental realizados em outras aldeias e a importância desse Plano Nacional de Gestão Ambiental em Terras Indígenas, e também a importância de eles conhecerem e dominarem estas ferramentas.

Os povos indígenas ocupam, transformam e ressignificam seus espaços, segundo suas escolhas, tradições, normas e ritos – suas culturas enfim – estabelecendo assim, formas de uso dos recursos naturais e de controle sobre os territórios tradicionais. Nesse sentido, pode-se entender que a noção de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas combina a dimensão política do controle territorial com a dimensão ambiental de ações voltadas para sua sustentabilidade, envolvendo atividades tanto de ordenamento territorial quanto de gestão ambiental (BRASIL, 2013, p. 5).

Um dos principais desafios enfrentados pelos povos indígenas são aqueles relacionados à integridade de suas terras, ao controle sobre acesso ao território. Muitas vezes, dentro de terras demarcadas, há ocupação por parte dos brancos que não respeitam a demarcação. Este estreitamento de terras retomadas pelos povos originários precisa ser estudado e planejado pelos próprios indígenas para que, em parceria com o

Estado e a sociedade civil, possam manter a vida digna no espaço que lhes resta, ou seja, o indígena hoje para ter dignidade precisa se fixar em pequenos espaços de terras e fazer daquele espaço o seu sustento. Naturalmente, os indígenas não faziam isto; eles ficavam um tempo em um território e depois caminhavam para outro, a fim de estar conectados com a terra, migrando para locais onde havia alimentos disponíveis de acordo com as estações do ano e, desta maneira, davam o tempo suficiente para aquele espaço antes ocupado, regenerar-se, em harmonia com o meio em que vivem.

A noção de “gestão territorial e ambiental de terras indígenas” vem sendo amplamente empregada por diversas organizações indígenas e indigenistas no Brasil como meio de buscar caminhos possíveis de solução para os problemas enfrentados, necessidades e expectativas gerados frente a estes desafios. Em 9 de dezembro de 2009, por meio da Portaria Interministerial nº. 434, foi criado um Grupo de Trabalho Interministerial – GTI, composto por membros da Funai, do Ministério do Meio Ambiente – MMA e representantes indígenas, para construir a proposta da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PNGATI, com a finalidade de garantir e promover a proteção, a recuperação, a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais das Terras Indígenas (BRASIL, 2013, p.5).

Na terceira aula, estudamos antropologia por meio de um texto que preparei e passei no quadro. Depois, fizemos a leitura coletiva do livro didático. Por acreditar que é um assunto pertinente, tanto para os indígenas quanto para o estudo das ciências sociais/antropologia, apresentei o Laudo Antropológico realizado sobre a retomada das terras de Maquiné (Ka'agui Porã). Discutimos a importância dessas ferramentas como aliadas na luta indígena. Nesta aula, já combinamos a preparação da saída/caminhada que seria feita na próxima aula.

Na quarta aula, foi feita a caminhada pelas aldeias com os alunos do 1º, 2º e 3º anos, além da supervisora Karmen Rodrigues, o professor titular da disciplina de Sociologia Elnar Ferreira, meus dois orientadores de estágio (prof. José Otávio Catafesto de Souza e prof. Leandro Raizer), o vice cacique Paulo Morinico e Catriel Kuaray Oliveira, o qual era conhecedor das espécies de plantas que íamos encontrando pelo caminho. Durante o percurso, fomos anotando as espécies de árvores utilizadas pelos Mbyá em suas cerimônias de reza e cura, chás, outras que são pra corte de lenha e construção de casas ou ainda as que servem para os cestos e artesanatos (bichinhos). Estas informações eram escritas em diários de campo que confeccionei para os alunos.

Ao chegar na aldeia vizinha *Tekoá Ka'Aguy Mirim*, a interação foi com o Cacique Maurício Messa (o guardião das sementes). Ele, muito contente com a nossa

presença, fez uma fala carregada de significados que são a base para os jovens estudantes Mbyá guarani que aprendem com os mais velhos o conhecimento. São os mais velhos, verdadeiras bibliotecas por relatarem o passado da etnia, revelando e criando vínculos entre os jovens e suas histórias, são os guardiões da tradição, os que transmitem às gerações mais jovens além do idioma, também os valores, os costumes e a tradição religiosa. Após a fala do cacique Maurício, algumas alunas já se agilizaram para preparar a refeição coletiva e saboreamos um excelente arroz com galinha e salada de alface colhida na própria roça guarani. Após o almoço, observamos o cacique plantando o milho *avatchi pará* (milho com grãos coloridos), ele usava um instrumento de bambu que, ao cavar a terra, já deixava o espaço para a semente e após abrir este espaço, ele ia calmamente largando as sementes de milho ali. Depois, ele se aproximou de nós, conversamos mais um pouco e fizemos uma foto para registrar este momento de

Figura 3 - “Caminhada entre as aldeias” - registro da terceira aula do Estágio



troca tão significativo para todos.

Fonte: Arquivo pessoal

Nos despedimos e voltamos à escola, onde conversamos com o professor antropólogo José Catafesto sobre a nossa saída, ele parabenizou a iniciativa e comentou a questão da possível instalação de um lixão no entorno da aldeia. A problematização

sobre o lixão abre um diálogo sobre a preservação do espaço que vai além das terras demarcadas, afetando toda a população ao redor.

Durante a saída, pude perceber que os alunos ficaram muito à vontade, descontraídos, tomando chimarrão e conversando na língua guarani. Alguns iam mais a frente do líder, que estava mostrando as espécies, e anotavam o nome da planta em guarani e falavam a espécie. Meu lugar foi o de ser ouvinte, seguindo os guarani e pedindo traduções dos nomes das plantas e os seus usos. Mais atrás, vinham os professores e o vice cacique que também estavam bem à vontade, vivenciando este momento de troca benéfica para todos. Percebi também que o cacique Maurício ficou bem contente com o nosso envolvimento na aldeia e comentou que os jovens se distanciavam da cultura e havia menos velhos para passar o conhecimento, e que ele estava feliz com a visita e de poder falar um pouco sobre a sua trajetória até chegar ao Cantagalo, mas principalmente de ver os estudantes ali. Ele disse ainda que apoiava esse tipo de iniciativa sempre e também nos agradeceu pela oportunidade dessa vivência pouco comum a partir da escola, mas tão essencial para o *mbyáreko*. Assim, nessa caminhada, foi possível que os jovens tivessem uma aula, ligada à escola e também aos conhecimentos e cosmologia guarani. Dessa forma, esta aula foi um exemplo de educação diferenciada.

Na última aula do estágio, realizamos um fechamento, conversando sobre a saída de campo, a importância de nos apropriarmos das ferramentas disponíveis, e utilizar a sociologia como esporte de combate como diria, Pierre Bourdieu (2002). Este ensaio foi apenas uma introdução do que pode ser explorado e seus resultados estão aí para serem usados. Da metade da aula para o final, focamos no projeto sarau, que seria realizado num outro momento, na aula de literatura (falarei sobre ele mais adiante).

5.3 Encontros após o estágio

No dia 6 de novembro de 2019, fomos convidados a participar de um evento na Assembleia Legislativa, quando a Secretaria de Direitos Humanos divulgou o Laudo Antropológico, relatório sobre o assentamento Mbyá Guarani. Neste momento, o professor Elnar e eu levamos os alunos, fazendo uma verdadeira força-tarefa para levar

os alunos que conseguiram participar, em dois carros, do Cantagalo, Viamão, até o centro de Porto Alegre.

Os alunos gostaram bastante e este evento teve a importância de mostrar a eles o papel das ciências sociais e a antropologia na vida prática, como aliada da luta por terras e direitos.

Figura 4 - Apresentação do Relatório Antropológico, Histórico e Arqueológico Circunstanciado no Assentamento Yjerê de famílias da etnia Indígena Mbyá Guarani na Ponta do Arado, no bairro Belém Novo, em Porto Alegre



Fonte: (www.al.rs.gov.br)

5.4 Projeto Sarau

O último encontro foi o ensaio do Projeto Sarau (que será realizado em 2020). Este projeto é uma iniciativa da professora Ana Luci Colleoni, de Literatura, que idealizou o projeto no ano de 2017 como forma de incentivar os alunos para desenvolver suas potencialidades, quando referia:

“Percebi que eles tinham muita dificuldade em se expressar oralmente e na escrita também em língua Portuguesa. Aí eu comecei a

observar quando eles apresentavam ou falavam, apresentavam trabalhos, desenhos, a arte deles, na cultura deles eles tinham uma criatividade enorme, uma inspiração, percebi que a oralidade era o potencial deles. Então pensei o que fazer para eles poderem desenvolver melhor a gramática, um dia eu tive um click, sobre essa predileção pelas artes e também as narrativas, histórias indígenas como forma de eles passarem a cultura através da oralidade, comecei a observar também a música, a dança, e tive a ideia de organizar um Sarau para eles mostrarem tudo isso em uma apresentação que fosse tanto em guarani quanto em português, tive a ajuda da professora [...] que foi muito importante, ela ficou na elaboração de Poemas, e eu passei a trabalhar com os demais temas, num aprendizado de respeito ao ritmo deles” (Professora Ana)

O projeto Sarau trabalha vários aspectos, envolvendo a arte e a oralidade que, conforme observado pela professora, são naturais aos alunos Mbyá que, na sua cultura aprendem desta forma. Um exemplo disso são as danças que têm todo um significado como o Xondaro, que é uma dança de preparação para as caçadas e lutas que os guerreiros têm que enfrentar. Então, este exercício faz com que eles mantenham seus corpos ágeis e suas mentes atentas.

Ela trabalhou com os alunos desde poemas, rimas, teatro, dança, música, elaboração de narrativas/contos da sua cultura até questões políticas, manifestos de interesse à causa deles e também a questão da região do Cantagalo quanto à contrariedade da comunidade em relação à instalação do lixão. O projeto Sarau já foi apresentado em Viamão, Porto Alegre e Curitiba.

Entendo que o projeto Sarau é um belo exemplo para citar aulas diferenciadas, pois a professora empenhou-se em conhecer os seus alunos e pensou em uma maneira de aproveitar suas próprias potencialidades e transformar esse potencial em favor de sua disciplina.

5.5 Aula interdisciplinar

Nesse dia, fui acompanhadas por um colega de curso que também é estagiário em escola diferenciada dentro de aldeias Guarani. Músicos e amigos, e com a

oportunidade de apresentarmos uma música no sarau da escola, convidei-o para participar conosco tocando violão e somando seus conhecimentos e muita simpatia à causa Mbyá Guarani.

Foi ótimo passamos o dia na aldeia com a proposta da música “O canto das três Raças”, que representa a resistência e a luta das três raças que perdura até hoje e traz a música como uma forma de expressar essa indignação.

Os alunos gostaram da proposta e participaram ativamente cantando e tocando os instrumentos que levamos além do violão, como agê, chocalho, pandeiro, triângulo e ainda um bumbo leguero que os alunos trouxeram da escola. Esta aula foi ministrada na rua embaixo das árvores, de forma bem descontraída, regada a chimarrão como é de costume em todos os nossos encontros.

Figura 5 - “Aula Interdisciplinar” - Registro do Ensaio para Projeto Sarau



Fonte: Arquivo pessoal.

6 A ALDEIA DENTRO DA ESCOLA

A escola *Karai Arandu* segue as normas padrão que o Estado exige para uma escola, como a quantidade de dias letivos, disciplinas, cronograma e calendário escolar, mas também possui autonomia em relação às tradições dos guaranis, como respeitar a época do plantio, por exemplo, ou a hora das reuniões sobre temas referentes à aldeia. Assim, percebemos que a escola é transformada pela cosmologia e pelo dia a dia do povo

Figura 6 - Desenho Realizado pelos alunos da Escola Karai Arandu



indígena, servindo também de espaço para toda a comunidade.

Fonte: arquivo pessoal.

A escola acaba sendo uma forma de apoiar as atividades da aldeia; por isso, se faz importante a educação diferenciada, que também é o respeito ao cotidiano e ao modo de ser guarani.

Na educação dos Mbyá Guarani, a criança precisa caminhar, visitar outras *tekoa* e estar em contato com os locais narrados nas histórias do *xeramoí* e das *xejary*. Necessita também aprender a conhecer as plantas e os animais que fazem parte de sua formação no *mbyareko* (BRASIL, 2013, p. 21).

Esta citação do Plano de gestão territorial e ambiental, Terra Indígena Cantagalo, traz a reflexão acerca daquilo que foi observado durante a caminhada realizada no estágio. Os alunos, em contato com o território de sua aldeia e da aldeia vizinha, tiveram muito mais do que uma aula padrão de sociologia. Naquele momento, a aldeia mostrou a sua potência, expandindo os limites da escola, trazendo para a escola os conhecimentos dos mais velhos. Assim, se dá o movimento inverso, o conhecimento vem de fora da escola, ou seja, da comunidade, das histórias, dos usos das plantas.

O que acarreta para a escola estar localizada em um território indígena é que o contato com o modo de ser guarani, *mbyáreko*, nunca deixa de existir. Os alunos estão estudando os livros didáticos distribuídos pelo Estado, mas também estão seguindo as palavras de seus parentes, e são convidados a falar a partir dos seus próprios olhares. As aulas são sempre abertas, todos são convidados a participar.

É um espaço em que as crianças não estão segregadas por idades, pois desde os bem pequenos, de três a quatro anos, até jovens de catorze anos compartilham o espaço tempo escolar. A maneira usual de aprenderem uns com os outros se transpõe para a escola. Na sala de aula aparece cada criança experienciando o seu modo de fazer e aprender, sem a intervenção direta e constante do professor que observa respeitosamente as diferentes expressões. Sem atrapalhar o andamento das atividades, adultos circulam, olham com admiração, riem e saem, muitas vezes sem serem notados. Animais de estimação acompanham a aula, também sem atrapalhar. (BERGAMASCHI; SILVA, 2007, p. 15)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da experiência de estágio dentro da aldeia indígena Mbyá Guarani, na escola *Karai Arandu*, pude perceber que o caminho para a educação diferenciada está sendo percorrido e que os desafios são grandes, pois estamos falando de culturas diferentes que se aproximam nesse espaço de trocas e vivências que é a Escola.

Por meio da escola, estamos conseguindo essa aproximação, construindo uma educação diferenciada que respeita a cultura Mbyá Guarani em sua essência. Além disso, esse respeito fomenta ações que colaboram com a emancipação dos direitos indígenas.

Neste período de estágio, tivemos exemplos práticos que contemplaram esta modalidade de educação, seja na caminhada etnopedagógica, na visita a Assembleia Legislativa, ou no Projeto Sarau. Estas aulas, além do conteúdo programático de Sociologia e História, tiveram atividades práticas relacionadas à natureza e às artes e essas práticas fortalecem a comunidade Mbyá Guarani e sua cultura própria.

Esperamos que cada vez mais a educação indígena seja diferenciada, valorizada, e que eles tenham sua autonomia respeitada. Também ensinamos que a Escola continue promovendo ações que levem em consideração o modo de vida dessas comunidades e até mesmo as incorpore ao currículo. Somente assim, vamos vencer a barreira da desigualdade, tema este que sempre foi bandeira da Educação.

REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, M. A. Nhembo'e – Educação escolar nas aldeias Guarani. Tapeja! Caminhante em busca da terra sem mal. *Revista Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 1 (61), p. 109-132, jan./abr. 2007.

BERGAMASCHI, M. A.; SILVA, R. H. D. Educação Escolar Indígena no Brasil: da escola para índios às escolas indígenas. *Revista Agora*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 124-150, jan./jun. 2007.

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. COORDENAÇÃO GERAL DE GESTÃO AMBIENTAL. (Org.). *Plano de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas: Orientações para Elaboração*. – Brasília: FUNAI, 2013.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria de Educação Fundamental. *As leis e a educação escolar indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena*. Organização: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Brasília: 2001.

CENTRO DE TRABALHOS INDIGENISTAS, Plano de gestão territorial e ambiental, Terra Indígena Cantagalo, 2017.

GARLET, I. J. *Mobilidade mbyá: história e significação*. Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana). Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 1997.

GRUPIONI, L. D. B. Do nacional ao local, do federal ao estadual: as leis e a Educação Escolar Indígena. In: GRUPIONI, L. D. B.; SECCHI, D.; GUARANI, V. *Legislação Escolar Indígena*. Brasília: Ministério de Educação, s.d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol4c.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya. Acesso em: 30 set. 2019.

LADEIRA, M. I. *O caminhar sobre a luz: Território Mbyá a beira do oceano*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2007.

SETTI, Kilza; LADEIRA, Maria Inês Martins. The Guarani tribe build a village in the urban context of greater São Paulo. *Traditional Dwellings and Settlements: Working Papers Series*, s.l. : s.ed., v. 50, s.n., 1992, p. 71-105.